

Dino Campana, Um Poeta Maldito (seguido da tradução de quatro poemas)

Rita Ciotta Neves
Professora e Investigadora da Universidade Lusófona

«Ma se voi avete un qualsiasi bisogno di creazione non sentite che monta intorno a voi
l'energia primordiale di cui inossare i vostri fantasmi?»¹
Dino Campana

«Mi volevano matto per forza»²
Dino Campana

« — Eh! Qu'aimes-tu donc, extraordinaire étranger?
— J'aime les nuages...les nuages qui passent...là-bas...là-bas...les merveilleux
nuages!»³
Charles Baudelaire

Resumo: Dino Campana, «poeta maldito» italiano, traduz, na sua obra *Canti Orfici*, o ambiente de inquietude e de transformação próprio do início do século XX. Depois duma breve apresentação do autor, são propostos alguns textos, em poesia e em prosa, e a sua tradução para Português.

Riassunto: Dino Campana, «poeta maledetto» italiano, traduce, nella sua opera *Canti Orfici*, l'ambiente de inquietudine e di trasformazione próprio dell'inizio del 900. Dopo una breve presentazione dell'autore, sono proposti alcuni testi, di poesia e di prosa, e la loro traduzione verso il Portoghese.

Palavras-Chave: Dino Campana, Hermetismo, Vanguardas, Futurismo, Orfismo.

Parole-Chiave: Dino Campana, Ermetismo, Vanguarde, Futurismo, Orfismo.

¹ «Mas se vós tiverdes uma qualquer necessidade de criação não sentireis que sobe à vossa volta a energia primordial que dá ossos aos vossos fantasmas?»

² «Queriam à força que eu fosse louco »

³ « — Eh! Mas que amas então, extraordinário estrangeiro?

— Amo as nuvens...as nuvens que passam...lá ao longe...lá ao longe...as maravilhosas nuvens!»

INTRODUÇÃO

Dino Campana era sobretudo isso, um estrangeiro. Poeta maldito do início do século XX, autor de uma única obra *Canti Orfici*, esquecido e venerado, denegrido por alguns e aclamado por outros como um dos maiores poetas da Itália moderna, a sua figura marca de génio e originalidade a história literária italiana. A vida do poeta é constituída por sucessivas tragédias, a tal ponto de nem parecer, às vezes, verdadeira, mas inventada por algum fantasioso escritor romântico. Encontramos nela todos os dramas e as infelicidades imagináveis: o inferno da vida familiar; as sucessivas doenças que, por falta de tratamento, o levam à destruição física e mental; a miséria; o abandono; a obra literária renegada pela inveja ou pela incompreensão dos seus contemporâneos; o grande amor infeliz por uma mulher que o recusa; as fugas; a loucura.

Dino Campana nasce e morre na Toscana, talvez a mais bonita e culturalmente mais rica das regiões italianas, pátria, entre outros, de Dante, Petrarca e Boccaccio e berço dourado de todo o Renascimento. Nasce em 1885 em Marradi, pequena vila próxima de Florença, e morre na mesma região em 1932, no manicómio de Castel Pulci.

As primeiras décadas do século XX são, para a Itália, anos conturbados e frenéticos, dominados pela política audaz do ministro Giovanni Giolitti, que tenta integrar no estado liberal as emergentes forças operárias e socialistas. Compromisso que acabará por falhar, devido quer às exaltações nacionalistas (onde se integram os Futuristas), quer ao afirmar-se, em campo socialista, duma corrente extremista que apela à violência revolucionária.

Este clima inquieto e exacerbado produz expressões artísticas igualmente extremas e que partem, todas, duma comuna reacção ao forte clima dannunziano da época. Os intelectuais, os artistas, os literatos reúnem-se à volta de novas revistas, todas florentinas, como *Hermes*, *Il Regno*, *Il Leonardo*, *La Voce*, dividindo-se nos dois grupos mais significativos dos «Crepuscolari» e dos Futuristas.

Diante deste panorama literário, Dino Campana põe-se, desde o início, à margem. Tem uma relação, embora tempestuosa, com Marinetti e com outros futuristas, mas a sua profunda diversidade poética e o seu temperamento instável fazem-no isolar irremediavelmente.

A sua vida impressiona seja pelo constante clima de tragédia, seja pela gradual e inexorável «perda da razão». O poeta era assim descrito pelo amigo e escritor Ottone Rosai:

«D'oro la sua testa, nel collo taurino e le spalle quadrate, coi capelli in disordine e al vento (...) Gli occhi celesti brillavano sul rosa delle morbide labbra sensuali: lì dentro a quel cespuglio di peli: letto del sole.»⁴

Jovem vivo e inteligente, tem a sua primeira crise de instabilidade aquando do nascimento do irmão. A mãe parece recusá-lo e têm início terríveis conflitos, que continuarão até ao fim da sua vida. Em 1903, inscreve-se na Faculdade de Química da Universidade de Bolonha, curso que nunca chegará a completar. Na realidade, Campana dedica-se sobretudo à leitura das grandes obras literárias, italianas e estrangeiras. Deixa a Química e começa a estudar o piano, aprende várias línguas, ouve música. Segundo Pier Paolo Pasolini, «relendo hoje a obra completa de Campana, a primeira realidade simples é que este louco, este poeta selvagem, era um homem culto: não se encontra uma página, uma linha, uma palavra da sua produção que não tenha o inconfundível “som” da cultura. Toscamamente culto, entende-se: mas com substância.»⁵

No mesmo ano, entra para a Academia Militar de Modena, de onde será expulso mais tarde por não ter superado o exame para o grau de sargento. Em 1906, volta à Química e tenta passar algum exame. Não consegue e, pela primeira vez, foge. Apanha um comboio para Milão e mais tarde é preso em Génova pela polícia, que o reenvia para casa. O pai leva-o a uma consulta médica, mas ele foge novamente, chegando até à França, de onde será reconduzido para casa. Na vila é já conhecido como o «louco de Marradi». No mesmo ano é internado no manicómio de Imola, em consequência duma petição assinada pelos notáveis da vila.

Em 1908, depois de outras fugas e internamentos, é acompanhado pelos pais ao porto de Génova e posto num navio para a Argentina. Fica em Buenos Aires e em Montevideu por poucos dias, depois apanha outro navio que o leva de novo à Europa, ao porto de Antuérpia. Os pais já não o querem de volta, mas são obrigados a recebê-lo por ordem do Prefeito de Florença, que os ameaça com um processo.

⁴ «De ouro a sua cabeça, sobre o pescoço taurino e as costas quadradas, com o cabelo em desordem e ao vento (...) Os olhos azuis brilhavam no cor-de-rosa dos lábios macios e sensuais: lá dentro aquele tufo de pelos: leito do sol.»

⁵ P.P.Pasolini, «Campana e Pound» em *Saggi sulla letteratura e sull'Arte*, 2º vol., I Meridiani, Milano, Mondadori, p. 1958

Visitado por um psiquiatra, em 1910, o diagnóstico foi: «não foram encontrados nenhuns signos de alienação mental, nem outros sintomas».

Em 1913, pede a transferência para a Universidade de Florença, onde descobre a revista *Lacerba* e o Futurismo. Entre um internamento e uma fuga, tenta um contacto directo com Marinetti e dois outros escritores futuristas, Papini e Soffici. Entrega a Soffici o primeiro manuscrito da sua obra *Canti Orfici*, mas Soffici misteriosamente «perde-o».

Em 1914, reescreve toda a obra e tenta fazê-la publicar por um tipógrafo de Marradi, mas o livro nunca chegará às livrarias. Em 1916, encontra a escritora Sibilla Aleramo, apaixonam-se, dando início a uma relação dramática e desesperada. A escritora tenta fazê-lo curar, depois foge e esconde-se dele. Ele persegue-a. Por fim, em 1918 o epílogo esperado: internado de urgência no hospital psiquiátrico de Florença, é considerado louco e transferido para o manicómio de Castel Pulci, onde ficará até à sua morte, em 1932.

Em 1931, a editora Vallecchi, de Florença, consegue editar a sua obra. Dino Campana recebe uma cópia no manicómio, mas com indiferença, declarando que a sua obra literária é «diminuta e fragmentária».

Segundo Sebastiano Vassalli, escritor e estudioso de Campana, a presumida loucura do poeta muito tem a ver com os seus sucessivos ataques de sífilis, uma doença que ele terá contraído já em 1915. Doença inconfessável, naquela altura considerada «vergonhosa» e pela qual nunca foi verdadeiramente tratado. A sífilis destrói-lhe inexoravelmente o sistema nervoso e envenena-lhe o sangue, mas no manicómio preferem curá-lo com repetidos choques eléctricos, tanto que ele, ironicamente, se chama a si mesmo «o homem eléctrico».

Os *Canti Orfici*, obra única de Dino Campana, é publicada pela primeira vez em 1914, na tipografia Ravagli, em Marradi, numa edição modesta que nunca chegará ao público. A obra é composta de poemas e de prosas, num estilo fragmentário e desordenado, com o pano de fundo dos lugares mais importantes para o poeta: os apeninos toscanos, Marradi, Faenza, Bolonha, Florença, Génova. A sua é uma poética «visionária», que se aproxima da realidade para, através de fulgurações repentinas (como acontecia em Rimbaud), a transformar, ou melhor a ultrapassar. O que o poeta quer é fazer desabrochar outras realidades escondidas, expressas através duma cadeia de sugestões e de relações muitas vezes profundamente herméticas⁶. E é essa, justamente, a ideia

⁶ Lembramos que a obra de Dino Campana influenciou fortemente a corrente poética do Hermetismo italiano, que se desenvolveu nos anos 30 e entre os quais figuram nomes como Ungaretti, Quasimodo e Montale.

de Orfismo utilizada pelo poeta, é o sublinhar do poder mágico e evocativo da palavra poética, um poder que encanta e transforma a natureza. O crítico literário Pozzi dizia de Campana que ele possuía um «aventuroso fogo dionisíaco» e é evidente, nesse sentido, a sua assimilação dos poetas do Decadentismo francês.

Uma última nota sobre a relação entre Literatura e Loucura que é, desde sempre, uma relação complexa e fecunda. Na literatura italiana do século XX, por exemplo, ela manifesta-se através da voz de grandes escritores, como Italo Svevo, que em *La coscienza di Zeno* cria a personagem do alienado e do «anormal» que é mais «normal» de muitos outros. Ou de Luigi Pirandello que, à volta da temática da loucura, constrói as suas melhores obras teatrais; ou de Cesare Pavese, que igualmente fala de marginalização social e do «ser diferente»; ou ainda Italo Calvino, que cria a ambígua personagem de Palomar, um alieno neste mundo, um estranho.

São todos autores que falam da loucura. Dino Campana não fala dela, mas vive-a na pele, no corpo martirizado, na alma atormentada e recria-a através do poder mágico das palavras.

Nele, a Vida transforma-se, definitivamente, em Literatura.

LA CHIMERA⁷

Non so se tra roccie il tuo pallido
Viso m'apparve, o sorriso
Di lontananze ignote
Fosti, la china eburnea
Fronte fulgente o giovine
Suora de la Gioconda:
O delle primavere
Spente, per i tuoi mitici pallori
O Regina o Regina adolescente:
Ma per il tuo ignoto poema
Di voluttà e di dolore
Musica fanciulla esangue,
Segnato di linea di sangue
Nel cerchio delle labbra sinuose,
Regina de la melodia:
Ma per il vergine capo
Reclino, io poeta notturno
Vegliai le stelle vivide nei pelaghi del cielo,
Io per il tuo dolce mistero
Io per il tuo divenir taciturno.
Non so se la fiamma pallida.
Fu dei capelli vivente
Segno del suo pallore,
Non so se fu un dolce vapore,
Dolce sul mio dolore,
Sorriso di un volto notturno:
Guardo le bianche rocce le mute fonti dei venti
E l'immobilità dei firmamenti
E i gonfi rivi che vanno piangenti
E l'ombre del lavoro umano curve là sui poggi argenti
E ancora per teneri cieli lontane chiare ombre correnti
E ancora ti chiamo ti chiamo Chimera.
(Canti Orfici)

⁷ A propósito deste poema, Dino Campana escreveu ao poeta Prezzolini: "Envio-lhe a mais velha, a mais ingénua das minhas poesias, velha de imagens, ainda pouco evoluida nas formas: mas Você sentirá a alma que se liberta"

A QUIMERA

Não sei se entre rochedos o teu pálido
Rosto me apareceu, ou sorriso
De incógnitas distâncias
Foste, a curva ebúrnea
Fronte fulgente oh jovem
Soror da Gioconda:
Ou das primaveras
Apagadas, pela tua mítica palidez
Ou Rainha ou Rainha adolescente:
Mas pelo teu poema desconhecido
De volúpia e de dor
Música jovem e exangue,
Marcado por linhas de sangue
No círculo dos lábios sinuosos,
Rainha da melodia:
Mas pela cabeça virgem
E inclinada, eu poeta nocturno
Velei as estrelas vívidas nos pélagos do céu,
Eu pelo teu doce mistério
Eu pelo teu devir taciturno.
Não sei se a chama pálida
Foi dos cabelos o vivo
Sinal da sua palidez,
Não sei se foi um doce vapor
Doce sobre a minha dor,
Sorriso de um rosto nocturno:
Olho para os brancos rochedos as mudas fontes dos ventos
E a imobilidade dos firmamentos
E os túmidos rios que vão em lamento
E as sombras do labor humano curvas lá sobre as colinas algentes
E ainda por tenros céus longínquos claras sombras correntes
E ainda te chamo, chamo-te Quimera.
(Canti Orfici)

GIARDINO AUTUNNALE (Firenze)

Al giardino spettrale al lauro muto
De le verdi ghirlande
A la terra autunnale
Un ultimo saluto!
A l'aride pendici
Aspre arrossate nell'estremo sole
Confusa di rumori
Rauchi grida la lontana vita:
Grida al morente sole
Che insanguina le aiole.
S'intende una fanfara
Che straziante sale: il fiume spare
N ele arene dorate: nel silenzio
Stanno le bianche statue a capo i ponti
Volte: e le cose già non sono più.
E dal fondo silenzio come un coro
Tenero e grandioso
Sorge ed anela in alto al mio balcone:
E in aroma d'alloro,
In aroma d'alloro acre languente,
Tra le statue immortali nel tramonto
Ella m'appar, presente.
(Canti Orfici)

L'INVETRIATA

La sera fumosa d'estate
Dall'alta invetriata mesce chiarori nell'ombra
E mi lascia nel cuore un suggello ardente.
Ma chi ha (sul terrazzo sul fiume si accende una lâmpada) chi ha

JARDIM DE OUTONO (Florença)

Ao jardim espectral ao loureiro mudo
Das verdes grinaldas
À terra de Outono
Um último adeus!
Aos áridos declives
Ásperos inflamados no extremo sol
Confusa de rumores
Roucos grita a longínqua vida:
Grita ao moribundo sol
Que ensanguenta os canteiros.
Ouve-se uma fanfarra
Que sobe lancinante: o rio desaparece
Nas areias douradas: no silêncio
Estão as estátuas brancas a encimar as pontes
Volvidas: e as coisas já não existem.
E de baixo o silêncio como um coro
Tenro e grandioso
Surge e anela no alto na minha varanda:
E num aroma de louro,
Num aroma de louro acre languescente,
Entre as estátuas imortais do ocaso
Ela a mim aparece, presente.
(Canti Orfici)

O VITRAL

A tarde fumosa do verão
Do alto vitral verte luzes para a sombra
E deixa-me na alma uma marca ardente.
Mas quem foi (no terraço do rio acende-se uma lâmpada) quem foi

A la Madonnina del Ponte chi è chi è che ha acceso la lampada – c'è
Nella stanza un odore di putredine: c'è
Nella stanza una piaga rossa languente.
Le stelle sono bottoni di madreperla e la sera si veste di velluto:
E tremola la sera fatua: è fatua la sera e tremola ma c'è
Nel cuore della sera c'è,
Sempre una piaga rossa languente.
(Canti Orfici)

SOGNO DI PRIGIONE⁸

Nel viola della notte odo canzoni bronzee. La cella è bianca, il giaciglio è bianco.
La cella è bianca, piena di un torrente di voci che muoiono nelle angeliche cune,
delle voci angeliche bronzee è piena la cella bianca. Silenzio: il viola della notte: in
rabeschi dalle sbarre bianche il blu del sonno. Penso ad Anika: stelle deserte sui
monti nevosi: strade bianche deserte: poi chiese di marmo bianche: nelle strade
Anika canta: un buffo dall'occhio infernale la guida, che grida. Ora il mio paese
tra le montagne. Io al parapetto del cimitero davanti alla stazione che guardo il
cammino nero delle macchine, su, giù. Non è ancor notte; silenzio occhiuto di
fuoco: le macchine mangiano rimangiano il nero silenzio nel cammino della notte.
Un treno: si sgonfia arriva in silenzio, è fermo: la porpora del treno morde la
notte: dal parapetto del cimitero le occhiaie rosse che si sgonfiano nella notte: poi
tutto, mi pare, si muta in rombo: *Da un finestrino in fuga io? Io ch'alzo le*
braccia nella luce!! (il treno mi passa sotto rombando come un demonio)
(Canti Orfici)

⁸ A prisão da prosa é o “Asile des Hommes Aliénés” de Tournai, na Bélgica, onde Campana foi internado em 1910.

Para a Nossa Senhora da Ponte quem é quem é que acendeu a lâmpada – sente-se
No quarto um cheiro a podre: há
No quarto uma chaga vermelha languescente.
As estrelas são botões de madrepérola e a noite veste-se de veludo:
E treme a noite fátua: é fátua a noite e treme mas há
No coração da noite há,
Sempre uma chaga vermelha languescente.
(Canti Orfici)

SONHO DE PRISÃO

No violeta da noite ouço canções brônzeas. A cela é branca, o catre é branco.
A cela é branca, cheia de um rio de vozes que morrem nos angélicos berços, das
vozes angélicas brônzeas está cheia a cela branca. Silêncio: o violeta da noite:
em arabescos através das grades brancas o azul escuro do sono. Penso na
Anika: estrelas desertas nas montanhas nevadas: estradas brancas desertas: e
depois igrejas de mármore brancas: pelas estradas Anika canta: um bobo de
olho infernal guia-a, ele grita. Agora a minha aldeia entre as montanhas. Eu no
parapeito do cemitério em frente à estação estou a olhar o deambular preto dos
carros, para cima, para baixo. Ainda não é noite; silêncio olhudo de fogo: os
carros comem recomem o silêncio preto no deambular da noite. Um comboio:
esvazia-se chega em silêncio, parou: a púrpura do comboio morde a noite: do
parapeito do cemitério os olhares vermelhos que se esvaziam na noite: e depois
tudo, parece-me, se transforma num estrondo: *Duma janela em fuga eu? Eu
que levanto os braços na luz!!* (o comboio passa-me por baixo com um estrondo
de demónio).
(Canti Orfici)